**BREVE REFLEXÃO SOBRE DIFICULDADES NO ENSINO E APRENDIZAGEM DE LÍNGUA INGLESA NO ENSINO MÉDIO**

Letícia da Silva Gonzaga

Mestra (UERN)

[leticialetrasilva@hotmail.com](mailto:leticialetrasilva@hotmail.com)

Francisca Jussara Alves Vieira

Mestranda (UERN)

[jussarahalves@hotmail.com](mailto:jussarahalves@hotmail.com)

Marilene Gomes de Sousa Lima

Doutoranda (UFPB)

[marilegomes95@hotmail.com](mailto:marielegomescz@gmail.com)

**RESUMO:** Aprender Língua Inglesa (LI), tem se tornado uma exigência do novo paradigma social, bem como, um diferencial no currículo das pessoas que dos que já estão no mercado de trabalho como das que desejam ingressar Contudo, apesar da evidente necessidade de conhecimento de LI, ainda hoje há por grande parte dos alunos resistência em aprendê-la. Diante dessa realidade, o presente trabalho tem como objetivo discutir sobre as principais dificuldades enfrentadas no processo de ensinoaprendizagem de Língua Inglesa no ensino médio, tanto pelos educadores como pelos alunos. O estudo assume como orientação teórica os pressupostos de Lima (2009), Paiva (2010), Dionisio, Machado e Bezerra (2010), Brasil (1998), entre outros estudiosos que também dialogam com essa temática. Metodologicamente adotamos o enfoque qualitativo, o estudo de campo e o relato de experiências a partir da observação de aulas de língua inglesa na turma do 1º ano do ensino médio de uma escola no interior da Paraíba, por um período de 03 (três) meses, atentando para os pontos que dificultam o ensino e a aprendizagem de inglês em sala de aula. Os dados analisados indicam que mesmo diante de tantas dificuldades o aluno pode construir seu conhecimento em LI de forma autônoma, a partir da mediação do professor ao propiciar situações de aprendizagem. Diante disso, laçaremos nosso olhar sobre dois pontos, primeiramente localizamos os pontos que estão levando ao fracasso o processo de ensinoaprendizagem de LI; em seguida, compartilhamos possíveis soluções.

**PALAVRAS-CHAVE**: Dificuldades de ensinoaprendizagem. Língua Inglesa.

**1 INTRODUÇÃO**

O cenário atual mostra como a sociedade tem evoluído rapidamente e o mundo está cada vez mais globalizado e sem fronteira, como isso, aumenta a necessidade de aprender uma língua estrangeira, principalmente, a língua inglesa (LI), a qual tem se tornado uma exigência do novo paradigma social, bem como, um diferencial no currículo das pessoas que ingressam no mercado de trabalho.

No Brasil, a LI é componente curricular obrigatório nas escolas, em vista da sua importância para formação educacional. Contudo, apesar da evidente necessidade de conhecimento da língua inglesa, professores e alunos enfrentam muitas dificuldades no processo de ensino-aprendizagem dessa língua, dificuldades estas, associadas à formação docente, metodologias usadas em sala de aula, falta de material adequado, desestimulo do discente, entre outros fatores, ou seja, questões polêmicas que têm sido alvo de muitas discussões entre os educadores e o meio acadêmico.

Diante dessa problemática enfrentada tanto por professores como alunos, desenvolvemos este estudo, o qual visa discutir as dificuldades de promover o ensino e aprendizagem de LI no ensino médio. Para tanto, traçamos os seguintes objetivos: refletir acerca das dificuldades e desafios enfrentados pelos docentes em seu contexto de ensino, propor o desenvolvimento das competências do professor de LI frente às metas de incentivo a aprendizagem do aluno e sugerir ações para a promoção de um ambiente de aprendizagem pautado na interação e no conhecimento da língua inglesa. Uma discussão que mostra o papel do professor enquanto provedor de estratégias de ensino que maximizem a compreensão do aluno como parte fundamental na aquisição LI, através de aulas interativas e dinâmicas.

Como metodologia, adotamos uma pesquisa de campo de base qualitativa com ênfase no relato de experiências, considerando que este trabalho busca apresentar a realidade da sala de aula de língua inglesa, a partir da observação de aulas no ensino médio, em que atentamos mais precisamente para as dificuldades enfrentadas por professores e alunos no processo de ensino-aprendizagem desse idioma. Foram observadas aulas por um período de 03 (três) meses, em uma turma do 1º ano de uma escola da rede estadual de ensino da cidade de Joca Claudino – PB, que nos possibilitou coletar material para compreender o que vem dificultando o trabalho com a LI em sala de aula.

O público envolvido na pesquisa é composto por uma professora que possui graduação em Letras (Português/Inglês), não é pós-graduada, tão pouco, possui cursos de aperfeiçoamento do idioma. Ainda como sujeitos envolvidos na pesquisa, temos uma turma composta por 30 (trinta) alunos com idade entre 14 e 18 anos. A escolha pelo 1º ano do ensino médio se deu em virtude do desejo de observar o nível de proficiência, bem como, entender quais os problemas mais frequentes têm atrapalhado aquisição da LI.

Considerando a realidade vivenciada por estes sujeitos, desenvolvemos um estudo, que busca discutir problemas e apresentar possíveis soluções para amenizar a problemática que paira sobre o ensino e a aprendizagem da LI nas escolas públicas nos dias de hoje, sobretudo, no ensino médio. Buscamos, portanto, refletir sobre como algumas transformações no contexto da educação podem repercutir positivamente e fazer com que o ensino de uma segunda língua não seja um desafio no mundo moderno em que vivemos. Veremos isso com mais profundidade nas discussões que teceremos nos tópicos a seguir.

**2 DIFICULDADES ENCONTRADAS NO PROCESSO DE ENSINO APRENDIZAGEM DE LÍNGUA INGLESA**

Ao falar sobre ensinoaprendizagem de língua inglesa na educação básica, nos remete a pensar sobre a aprendizagem de uma segunda língua, que vai preparar desde cedo crianças e adolescentes para serem falantes proficientes e capacitados para atender as necessidades de um mundo globalizado e cada vez mais sem fronteiras, Brasil (1998). No entanto, não é bem dessa forma que funciona, pois existem muitos fatores que dificultam tanto o trabalho docente quanto a aprendizagem do aluno. É o caso de sala de aula com um número elevado de alunos, pouca carga horária disponível para as aulas, desmotivação do alunado, timidez, uso de metodologias obsoletas e professores sem qualificação satisfatória para exercer o cargo de educador de LI.

Com base em Leffa (2003) procuramos lançar dois olhares sobre a problemática do processo de ensinoaprendizagem da LI, o primeiro, localizar as dificuldades que originam o fracasso; o segundo, visualizar possíveis soluções. Diante disso, no tópico a seguir, discutiremos com mais afinco sobre cada um desses pontos.

**2.1 Dificuldades enfrentadas pelos professores no ensino de Língua Inglesa**

O professor de LI tem enfrentado muitas dificuldades nos dias de hoje, inúmeros são os fatores que influenciam de forma negativa seu trabalho em sala de aula. Acerca disso, faremos uma breve discussão, evidenciando algumas das mais frequentes inquietações e questionamentos apresentadas pelos educadores.

A princípio, destacamos como problema, o tempo disponibilizado para as aulas de língua inglesa, isto é, a carga horária em vigor não possibilita desenvolver amplamente todas as habilidades da LI, como destaca Lima (2009). Nesse caso, é importante que a coordenação escolar repense na divisão do tempo destinado às aulas de inglês, pois com uma carga horária semanal desfavorável é difícil atender a tudo que é exigido no plano de ensino, tão pouco, trabalhar todas as habilidades exigidas pela língua. Normalmente, são destinadas duas aulas semanais LI, sendo cada uma de 45 minutos, distribuídos inicialmente para acalmar os alunos e ministrar o conteúdo da disciplina, o que dificulta o desenvolvimento da aula, pois geralmente as turmas são numerosas.

O número de alunos presentes nas salas é outro ponto que merece ser discutido, bem como, a existência de turmas mistas no quesito proficiência. Segundo Lima (2009, p. 28) “[...] geralmente encontra-se um grande número de alunos por turma, ou seja, 40, 50, 60 e até 70 alunos por sala. Um número elevado de alunos dificulta o trabalho de gerenciamento e de monitoração do professor [...]”. A superlotação nas turmas é algo que afeta muito o trabalho do educador, que não consegue atender por igual a todos, como também, dificulta o rendimento dos alunos, causando danos à sua aprendizagem.

Nesse contexto podemos ressaltar também, a falta de proficiência do educador como um fator agravante, pois muitas das vezes nos deparamos com educadores que falam pouco ou não dominam o idioma que lecionam, este é um problema sério que dificulta o trabalho em sala de aula com a língua inglesa, pois “um professor de uma língua estrangeira que não fala essa língua não pode, obviamente, ajudar seus alunos a desenvolverem a fala, mesmo que a turma possua poucos alunos com o mesmo nível de proficiência e recursos físicos adequados”, Lima (2009, p. 29). É impossível ensinar aquilo que não se sabe ou tem pouco domínio.

Nesse cenário, outro ponto que merece atenção é quanto à formação do professor de LI, pois muitos deles se satisfazem apenas com a graduação, fato que muitas das vezes deixa a desejar na formação, principalmente, os cursos com duas habilitações (Português/Inglês), que duram em torno de quatro anos. Diante disso, necessário se faz que, o professor busque uma pós-graduação, cursos de formação continuada, cursos de aperfeiçoamento do idioma, ou seja, procure meios de se preparar para exercer seu papel com excelência. A esse respeito são pertinentes as palavras de Lima (2009) ao dizer que:

Na medida em que uma universidade confere um diploma de licenciatura em determinada língua estrangeira a uma pessoa que não domina essa língua estrangeira, ela contribui decisivamente para que o ensino de línguas nas escolas públicas não tenha uma perspectiva futura positiva. Vale notar que os cursos de letras com línguas estrangeiras no Brasil ainda não fazem nada de concreto para reverter esse estado de coisas [...] (LIMA, 2009, p. 29).

A realidade é que nem todos os cursos de graduação em língua inglesa preparam o aluno para falar com fluência o idioma e competência nas quatro habilidades (*listening, writing, reading* e *speaking*), principalmente, quando se trata de um curso com duas habilitações (português-inglês). Nesse sentido, necessário se faz que a universidade repense sua grade curricular, bem como, seja mais exigente quando aprovarem os futuros mestres. É indispensável ainda que o aluno ao concluir o curso superior busque uma pós-graduação e cursos de aperfeiçoamento do idioma para suprir as lacunas deixadas pela graduação.

Como podemos perceber, existem muitos problemas que dificultam o trabalho em sala de aula o que tange a língua inglesa, mas estes não se findam por aqui, podemos ressaltar ainda o problema relacionado aos recursos físicos disponibilizados, estes por sua vez, são insuficientes para atender as necessidades da equipe docente, bem como, o material didático apresenta diversas falhas, a exemplos de alguns livros didáticos que priorizam a gramática deixando em segundo plano, assuntos importantes da LI que precisam ser discutidos em sala de aula, como a cultura dos países que falam o idioma e a literatura. O próprio professor muitas das vezes se prende ao livro, para seguir uma orientação curricular, o que torna o ensino carente, monótono e sem criatividade. Sem falar que muitas das vezes os alunos não levam o livro didático para a sala de aula, o que dificulta ainda mais o trabalho docente.

Por último, e não menos importante, temos a resistência dos alunos e o preconceito existente em aprender a LI. Os discentes acreditam ser difícil dominar o inglês e que não irão precisar dele para nada, pois não pretendem sair do país. Essa resistência muitas das vezes parte da falta de informação, de saberem o quão importante é aprender a LI, tanto para a formação quanto para atender as exigências do mercado de trabalho.

Discutimos aqui alguns dos problemas que pairam sobre a atuação do educador de língua inglesa, apresentamos os mais frequentes e que mais atrapalham o desenvolvimento das aulas. Assim sendo, no tópico a seguir trataremos das dificuldades enfrentadas pelos alunos, ou seja, de questões que influenciam a aprendizagem dos mesmos.

**2.2 A língua inglesa no ensino médio: dificuldades de aprendizagem apresentadas pelos alunos.**

O estudo de língua inglesa é muito importante para desenvolvimento educacional e profissional do cidadão uma vez que o inglês deixou de ser um diferencial e passou a ser um pré-requisito. Dessa forma, aprendê-lo é fundamental para estabelecer interações de âmbito internacional, com vistas a conhecer novas culturas, bem como, para o mercado de trabalho. No entanto, ainda hoje os alunos enfrentam dificuldades relativas à aprendizagem do idioma, seja no ensino público ou privado. Partindo desse pressuposto iremos discutir alguns pontos que tem dificultado a vida do aluno no tocante à LI.

Vale ressaltar que muitos fatores são agravantes na aprendizagem dos alunos quando lhes são apresentado a LI em sala de aula, dentre muitos podemos destacar: a desmotivação em aprender a língua, aulas que não suscitam interesse, metodologias falhas, ensino descontextualizado, professores despreparados ou com outra formação, timidez, medo de errar, material didático escasso, poucas aulas de inglês na semana, aulas que priorizam a gramática, entre outros, Lima (2009).

É bastante recorrente alguns professores priorizarem o trabalho com o verbo “*to be*”, lista de verbos no presente e no passado e traduções de textos, o que não deixa de ser importante, mas não pode findar com estes conteúdos, pois além de trabalhar a gramática e as traduções é imprescindível fomentar a conversação, uma vez que a interação em LI é sem dúvidas, uma das principais formas de explorar as quatro habilidades (*listening, writing, reading* e *speaking*) que levará o discente a ter autonomia e proficiência no idioma, através do uso contínuo da língua em situações reais, nas quais o aluno desenvolve suas habilidades, como postula Dionisio, Machado e Bezerra (2010).

Um ensino de LI que prioriza apenas a gramática faz o discente apenas conhecer as regras que regem a estrutura da língua, o que é muito importante, porém não eleva o nível de proficiência. Diante disso, são pertinentes as palavras de Paiva (2010, p. 32) ao dizer que “nos dias de hoje, entender ensino de língua como restrito à aprendizagem de gramática e vocabulário pouco ajuda o aluno a lidar com a realidade em que nos encontramos, onde o inglês cada vez mais nos cerca”. Nos alinhamos à este pensamento, pois um ensino de língua deve priorizar a língua enquanto forma ou processo de interação.

Desse modo, o educador tem autonomia suficiente para mudar essa realidade e inserir em seu plano de ensino propostas que instiguem a aprendizagem e suscite nos alunos uma mudança de concepção de LI. Segundo Lima (2009, p. 166) “[...] é muito mais uma forma de resistência a práticas pedagógicas que não lhes são significativas [...]”. Nesse sentido é preferível que o educador reflita que não se trata apenas de uma forma de manifestar desinteresse, mas uma necessidade por mudanças na prática docente não com a inserção do novo idioma na grade curricular.

Outro ponto bastante discutido na literatura sobre aprendizagem de língua estrangeira, principalmente no ensino médio, é a timidez, medo de errar, os alunos não têm segurança para interagir usando a LI. Tais fatos levam o aluno a sentir um desestímulo em participar de forma efetiva da aula. Isso é bastante preocupante, uma vez que a interação é indispensável quando se fala em aprender a LI.

Sabemos que a escola é o espaço no qual se criam e se desenvolvem condições necessárias para que os educandos assimilem conhecimentos, habilidades e atividades, podendo com isso desenvolver sua prática em LI mediada pelo educador.

Em linhas gerais, os entraves aqui apontados e outros tantos mostram o quanto o trabalho com o ensino de língua inglesa não flui de maneira satisfatória. A seguir, apresentamos algumas observações retiradas de um relato de experiência que mostra os obstáculos enfrentados tanto pelo professor como por alunos no tocante ao ensinoaprendizagem de LI.

**3 RESULTADOS E DISCUSSÕES**

O período de 03 (três) meses que passamos observando as aulas de língua inglesa em uma turma de 1º ano do ensino médio em uma escola pública, possibilitou a percepção sobre o quanto é difícil realizar um trabalho satisfatório nessa disciplina, bem como quais são os entraves mais frequentes enfrentados diariamente pela professora e seus alunos dessa turma em específico. A realidade presenciada mostrou o quanto ainda precisa melhorar para se obter resultados satisfatórios no que se refere ao ensinoaprendizagem de LI.

Logo nos primeiros encontros notamos que a professora fazia uso do livro didático, quadro e pincel. Durante todo o período que passamos na escola, não foi usado outro recurso didático nas aulas, além destes citados, o que demonstrou total dependência desses recursos.

No que se refere à escolha dos conteúdos, notamos que a seleção foi feita com base, no ensino de gramática. Não houve prática de conversação e em momento algum a professora interagiu com os alunos através do uso de LI. Segundo Lima (2009), o educador deve usar a LI em sala de aula para acostumar os discentes a ouvir e a falar o idioma. Nas observações, notamos apenas duas situações nas quais ela fez uso da LI para situações interativas, a saber, ao entrar e sair da sala a professora mesmo aparentando está desestimulada cumprimentou os alunos usando as expressões “*Good afternoon*” e “*Good bye*”. Ainda assim, poucos alunos responderam à saudação e despedida ditas em LI, grande parte da turma estava distraída fazendo uso de smartphones e/ou conversando e fazendo barulho.

A postura supracitada manteve-se por parte de alguns alunos durante toda a nossa observação e, aqueles que não se encaixavam nesse perfil eram os mais tímidos que nada falavam e mantinham sua atenção apenas para o que estava sendo escrito na lousa participando vez ou outra da aula. A maneira como a turma se apresenta gerava uma divisão da atenção da professora, uma vez que, havia necessidade de interromper a ministração da aula para chamar à atenção de alunos distraídos e indisciplinados.

Durante as aulas percebemos também algumas reclamações por parte de alguns discentes. Eles argumentavam usando os seguintes enunciados: “Não gosto de estudar inglês”, “É difícil”, “Não tem necessidade de estudar isso”, “Não vai servir para nada”. Esse comportamento é muito mais uma forma de resistência à prática docente que não lhes são interessantes, Lima (2009). Diante disso, preferimos pensar em uma demanda por mudança nas práticas educativas e escolares, do que desinteresse do alunado.

A observação nos permitiu compreender alguns fatores que dificultam o trabalho com a LI no contexto observado. Os recortes desse breve relato mostram as dificuldades de ambos os sujeitos envolvidos no processo: de um lado uma professora com fluência insuficiente, com uma concepção de linguagem enquanto estrutura, fato que leva a aula a ser engendrada com foco no ensino de regras gramaticais de LI, se distanciando ainda mais de uma abordagem sociointeracionista na qual a interação é prioridade para o uso das quatro habilidades (*listening, writing, reading* e *speaking*). Do outro lado temos os alunos, e, acreditamos que esses problemas pontuados podem ser as causas de os alunos, nesse contexto, demonstrarem uma falta de interesse em participar da aula.

Nesse sentido, se faz necessário que o educador repense sua prática docente, com o objetivo de tornar os alunos autônomos no quesito aprendizagem da LI, como meio de superar as dificuldades encontradas em sala de aula. Segundo Leffa (2003, p. 10) o papel do professor é “[...] realmente o de facilitador da aprendizagem, ajudando o aluno a desenvolver sua autoconfiança, a se tornar ainda mais autônomo e ficar menos dependente dele [...]”. Para tanto, é indispensável selecionar atividades que melhor se encaixam no perfil da turma, que geralmente é formada por adolescentes.

Para um ensinoaprendizagem de LI produtivo, sugerimos que o professor ofereça um ‘ambiente de língua inglesa’ a sala de aula pode ser temático com recursos visuais que retomem temas culturais como ‘*Thanksgiving day’, ’Valentine’s day’, ‘St. Patrick’s day’*, além disso, fazer uso de LI nas situações de interação, como por exemplo, saudações e ministração do conteúdo pois quanto maior o contato com a língua alvo mais aumenta a proficiência e desperta o interesse em conhecer uma nova cultura. Outra “ideia seria despertar a atenção do aluno para o inglês a sua volta. Colecionar com eles tudo o que eles possam encontrar em inglês: nomes de balas, chocolate, produtos de beleza, produtos de limpeza, nomes de remédios [...]”, conforme afirma Lima (2009, p. 35), tendo em vista que são palavras que fazem parte do cotidiano mesmo a Língua materna do Brasil seja o português.

O trabalho com o livro didático pode ser complementado com *games*, o uso de novas tecnologias, aplicativos para *smatphones*, uso de diversos gêneros discursivos - séries, filmes, panfletos, quadrinhos, letras de músicas, etc.-. O professor pode ainda, mostrar o quanto o acesso o acesso a *internet* pode ser produtivo em se tratando da aprendizagem de uma nova língua, pois por meio dela é possível navegar em determinados *sites* e, assim, aprimorar o vocabulário através da interação com falantes nativos, fazer cursos *onlines* gratuitos. Os *softwares* se apresentam como um apoio no processo de ensino-aprendizagem de LI, pelo fato de incluírem elementos visuais e sonoros acompanhando o conteúdo linguístico (Brasil, 1998, p.87).

As atividades sugeridas são norteadas por uma concepção de língua que ultrapassa sua imanência e tem na interação sua materialização. Assim, o professor se torna o mediador entre o aluno e a LI. Contudo, o aprendiz é o responsável pela sua própria autonomia, através da sua dedicação, autoconfiança, interesse e motivação. Paiva (2006, p. 92) postula que “[...] a autonomia é essencialmente parte da ASL (aquisição de uma segunda língua) porque ela é responsável por um aspecto essencial do sistema complexo a auto-organização”. Isso possibilita a interação dos alunos com a LI seja além da sala de aula.

**4 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Este trabalho teve como objetivo, discutir algumas dificuldades enfrentadas por professores e alunos no processo de ensinoaprendizagem da língua inglesa em uma turma de 1º ano do ensino médio. Através de relatos de observação levantamos alguns entraves que dificultam um efetivo ensinoaprendizagem de língua inglesa. A concepção de língua enquanto um sistema no qual só é possível ensinar as regras de uso foi considerado por nós como um entrave ‘chave’. Consideramos que, uma mudança na concepção de língua por parte do professor pode ser o pontapé inicial para que as aulas de LI aconteçam de forma satisfatória. É possível realizar um ensino pautado na criatividade através de jogos, atividades que promovam a interação entre sujeitos tendo como bússola não um ensino de língua baseado em uma abstração de regras, mas sim a interação.

**REFERÊNCIAS**

BRASIL. S. E. F. **Parâmetros Curriculares Nacionais:** terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua estrangeira**.** Secretaria de Educação Fundamental. . Brasília: MEC/SEF, 1998.

DIONISIO, A. P; MACHADO, A. R; BEZERRA, M. A. **Gêneros textuais e ensino**. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

LEFFA, V. J.Quando menos é mais:a autonomia na aprendizagem de línguas. In: NICOLAIDES, Christine; MOZZILLO (Orgs.). **O desenvolvimento da autonomia no ambiente de aprendizagem de línguas estrangeiras.** Pelotas: UFPEL, 2003.

LIMA, D. C. (org.). **Ensino e aprendizagem de língua inglesa:** conversas com especialistas. Parábola Editorial, 2009.

PAIVA, V. L. M. Autonomia e complexidade. In: LEFFA, V. J. (Ed.). **Linguagem & Ensino.** Pelotas. 2006.

PAIVA, V. L. M. O. Caos, complexidade e aquisição de segunda língua. In: PAIVA, V. L. M. O.; NASCIMENTO, M. (Org.). **Sistemas adaptativos complexos:** lingua(gem) e aprendizagem. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2009.